REVISTA DA FUNDARTE
EDITORA da FUNDARTE
Ano 15 – Número 29 – Janeiro/Junho 2015

Elaborar um trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais: modo de usar em algumas notas

Mariana Silva da Silva
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Resumo: Este texto é um pequeno manual que apresenta uma série de notas para auxiliar na elaboração de um trabalho de final de curso em artes visuais – poéticas visuais, ou seja a investigação do artista pesquisador. Procura-se cercar a constituição de uma metodologia individual do artista em formação dentro do âmbito acadêmico.

Palavras-chave: Pesquisa em arte; poéticas visuais; trabalho de conclusão de curso.

Abstract: This paper is a short manual that presents a series of notes to assist in the preparation of a final course paper in visual arts - visual poetics, the investigation of the artist researcher. Wanted surrounding the establishment of a single methodology of the artist within the academic environment.

Keywords: Art research; visual poetics; final course paper.

Este texto é uma espécie de manual que apresenta uma série de notas facilitadoras na elaboração de um trabalho de final de curso de graduação, especialmente, em artes visuais – poéticas visuais, ou seja a investigação do artista pesquisador. Não se pretende aqui fornecer regras rígidas que engessem a investigação artística, muito mais partimos de reflexões surgidas ao logo dos últimos dez anos atuando como docente em cursos de graduação em arte.

Percebemos ser essencial uma metodologia individual para a elaboração da monografia, dominar os requisitos básicos da escrita de um texto teórico e acadêmico em particular, e também estar consciente das disciplinas específicas inerentes a cada artista. É importante destacarmos para esta reflexão a seguinte fala da artista e professora Sandra Rey:

> A pesquisa em poéticas visuais apoia-se no conjunto de estudos que abordam a obra do ponto de vista de sua *instauração*, *no modo de existência da obra se fazendo*. O objeto da Poiética não se constituiu pelo conjunto de efeitos de uma obra percebida, não é a obra acabada, nem a obra por fazer; é a obra se fazendo. A *Poiética* pressupõe três parâmetros fundamentais: *liberdade* (expressão da singularidade), *errabilidade* (direito de se enganar) e *eficácia* (se errou, tem que reconhecer que errou e corrigir o erro). Leva em conta a constituição de significados a partir de *como* a obra é feita. (REY, 2002, p.134)

Por onde começar?

Pelo trabalho artístico. Não existe pesquisa em poéticas visuais sem as poéticas. E por onde? Pelo "subterrâneo da obra", para usar uma expressão de Sandra Rey (2002). Pelo tema. Pelo problema. O que se quer descobrir com a pesquisa? O que nos move? Por quê? Qual (is) pergunta (s) se está (ão) tentando responder com a monografia?

> A pesquisa parte de um pressuposto fundamental, que pode ser enunciado da seguinte maneira: *toda obra contém em si mesma a sua dimensão teórica.* A teoria, subterrâneo da obra, é como os alicerces da casa: o que lhe dá sustentação, embora não seja necessariamente, aparente. (REY, 2002, p.127)

Deve-se recuar um pouco de sua própria prática artística colocando-a em perspectiva com outras fontes criativas (qualquer outro campo disciplinar que poderá enriquecer sua leitura, filosofia ou arquitetura, por exemplo) e desenvolver esta prática. É aconselhável envolver-se em um processo de escrita que permitirá assumir uma terceira pessoa, deslocar-se de sua obra, formalizar e verbalizar o próprio processo experimental.

É importante, portanto, desenvolver um conteúdo útil: o pensamento que é escrito, desenhado, esquematizado, formado de diferentes documentações importantes (bibliografia, imagens, anotações, diários de bordo, etc).

Façamos notas, palavras-chave, mapas conceituais, desenhemos, espalhemos anotações nas paredes do quarto: tudo é válido e conduz mais facilmente à elaboração do texto final.

O tema

É preferível partir de um tema que diga respeito ao trabalho pessoal, que interesse a si mesmo. Não necessariamente ele precisa ser extremamente original, porém sua abordagem deve ser unicamente individual, inventiva. Dar um novo ângulo, por exemplo, a uma velha questão pode ser um valioso ponto de partida. Tentar não ser muito genérico com um tema sobre "a paz", "o corpo", "o feminino" é extremamente importante. Esmiúça-se o tema, partilha-se o tema em muitas parcelas até chegar ao

cerne da questão. É preciso aproximar-se de diferentes campos de conhecimento se for necessário, a literatura, a biologia, o cinema.

Não esquecendo, que é essencial o aporte da história da arte, não se inventa o novo sem se conhecer o velho. Todos pertencemos a uma família. Descubramos a nossa família. Comparar, aproximar, distanciar, renegar talvez, sobretudo, encontrar seus pares.

O orientador

Estamos falando da pesquisa *em arte* e não da *pesquisa sobre arte*. Esta pesquisa nasce da própria experiência criadora e talvez possamos pensar que quem mais sabe sobre ela é o próprio artista. Neste ponto, entretanto, entra a figura do orientador: porque ele vê de fora aquilo que talvez o aluno-artista-pesquisador não veja exatamente, ele orienta, ajuda, indica. Segundo Baumann (2011) a monografia vai também trabalhar em função de com quem se trabalha, de acordo com especialidades e afinidades metodológicas no âmbito de um núcleo comum que é o de iniciar um processo de crítica no campo das artes visuais.

Portanto, as metodologias propostas devem ser lidas como uma postura possível entre outras igualmente possíveis, e cabe a cada orientador contribuir com sentidos de acordo com sua própria bagagem. É a relação especial que se pode ter com o orientador, sua energia, sua presença e sua vontade para investigar que irão moldar a especificidade da produção do orientando.

A relação entre a teoria e a prática artística

A prática artística não é uma prioridade sobre a pesquisa teórica, pois aqui andam juntas, esta é a especificidade da pesquisa *em arte*. É uma maneira de expressar ideias e sentidos, uma forma particular de conhecimento da arte. De acordo com Baumann:

> A experiência age como uma forma de verificação e aprofundamento dos problemas e hipóteses, que revelam casos. Essas experiências têm múltiplas dimensões. São analíticas (no sentido em que Beuys, por exemplo, procurava compreender a psicologia da matéria), especulativas (feita de incertezas), hipotéticas, prospectivas (enunciam intenções), mas também inventivas (mostrar coisas inesperadas) vagantes (aceitam uma forma de errância, de

> descoberta) e criativas (regidas por leis que não se enunciam sempre e que deslocam territórios). (2011)[1]

Baumann ainda nos explica que o caminho entre a teoria e a prática é um ir e vir, não é um caminho linear, mas se faz entre o estudo teórico de artistas, obras e conceitos, podendo envolver a filosofia, história da arte, ciência, tecnologia, sociologia, política, psicanálise, etc, e analisa este tipo de experimentação. Vemos que não há nenhuma regra, nenhuma medida de distância pré-definida entre teoria e prática e nenhuma razão de equivalência.

A prática artística não deve ser um acessório a uma teoria, ela nasce de um problema e das inquietações do aluno-artista-pesquisador. E é preciso aceitar que nem sempre sabemos para onde estamos indo. Nós estudamos em livros, textos, imagens e obras, mas, sobretudo no que nós produzimos.

A escrita e a organização do texto

Escrevamos de uma forma simples e compreensível, demonstrando dominar conceitos, muitas vezes complexos e noções concebidas durante a pesquisa. Saber explicar, sem deixar de manter uma escrita pessoal também é essencial. Não se deve tentar escrever difícil, mas tentar escrever certo.

Organiza-se o texto a partir de pequenos textos que vão progredindo e encadeando-se. O texto não será escrito de uma única vez, mas em pequenos ensaios, anotações.

A ortografia e a gramática devem ser certificadas, revisemos, revisemos muitas vezes. Pedir a um colega, a diferentes leitores para ler e comentar o texto é um exercício valioso. Explicar em voz alta, ensaiar para a apresentação oral que logo virá igualmente produz um autoconhecimento investigativo necessário.

Respeitemos padrões básicos da elaboração de textos: palavras-chave, resumo, introdução, desenvolvimento, conclusão, bibliografia, anexos. Citemos nossas fontes. Citações devem ser claramente referenciadas. Prefere-se utilizar o sobrenome do autor ou artista referido, ou seu nome completo, evite utilizar somente o primeiro nome: *o Marcel (Duchamp), a Cindy (Sherman), o Roland (Barthes)*.

[1] Tradução nossa.

Utilizar o “eu” ou o “nós”? O "eu" é usado, por vezes, para demonstrar uma escolha pessoal e suas intenções, algo que diz respeito unicamente ao aluno enquanto propositor da obra. Quando, entretanto, nos referimos a um texto ou uma obra ou a uma ideia que não é nossa, ou é de sentido comum, utilizamos o “nós” ou a forma indireta.

O uso de imagens

Em um texto de artes visuais é essencial o “visual”, a obra, as imagens que carregam a sua reflexão: os trabalhos de artistas mencionados e obviamente o seu próprio trabalho. Alguns preferem organizar o texto juntamente às imagens, para facilitar a leitura, porém a opção de colocar as imagens ao final também é possível. Atenção: todos os documentos devem ser claramente legendados.

Introdução e conclusão

Eventualmente estas duas partes do texto causam preocupações ao pesquisador, por isso escrever a introdução e a conclusão no final do processo todo é muitas vezes mais fácil, pois conhecemos com mais clareza o percurso, o vai e vêm da reflexão, suas referências.

A introdução pode ter duas ou três páginas. Deve definir claramente as razões e origens dos tema e problema, bem como as áreas de estudo em que se propõe se situar. Deve também apresentar o texto parte a parte, capítulo a capítulo de uma maneira sucinta. Na introdução apresentamos algumas hipóteses – expectativas: o que queremos alcançar com esta investigação? Este é o lugar para lançar as perguntas ao leitor.

A conclusão segue uma estrutura muito semelhante àquela da introdução com a diferença de que estabelece um inventário do que foi realizado: ela nos relembra o trajeto percorrido. Deve permitir ao leitor reunir nossos pensamentos. É na conclusão que apontamos as expectativas (hipóteses) realizadas ou não. Como foram? O que aconteceu? O que não aconteceu? De que forma?

A bibliografia

A bibliografia deve conter todas as fontes pesquisadas, mesmo os dicionários, filmes e periódicos. Não é necessário sobrecarregá-la, coloca-se o que realmente foi consultado e especialmente, aquilo que foi citado.

Anexos

Anexos são opcionais, podem conter materiais que enriquecem a pesquisa. Pode ser um texto inédito traduzido especialmente para a pesquisa, uma entrevista que se tenha feito com um artista, ou crítico ou historiador. Podem ser os chamados "documentos de trabalho", mapas, desenhos, diagramas, imagens colecionadas que deram origem aos trabalhos e textos.

A forma da monografia

A monografia deve se conectar ao trabalho artístico. A estrutura formal entra em consonância com o trabalho plástico. O formato, o papel, a maneira de apresentar o texto é importante. Deve-se seguir as regras, mas sabê-las quebrá-las de vez em quando pode resultar um trabalho mais pertinente e conectado à própria experiência artística.

Muitas bibliotecas universitárias aprovam a diferenciação formal e visual de trabalhos, dissertações e teses na área das artes. Sendo este um terreno razoavelmente novo de produção de conhecimento, algumas concepções metodológicas ainda devem ser construídas e afirmadas no campo das poéticas visuais, um desafio aos pesquisadores artistas.

Referências

BAUMANN, Pierre. *Memo abrégé relatif à la rédaction d'un mémoire de recherche de type Master 1*. Bordeaux: Université de Bordeaux III, 2011. Disponível em: http://www.pierrebaumann.com/docotheque/ENT/baumann_memo_red_mem_m1ap.pdf. Acessado em 01/03/2013.

REY, Sandra. Da prática à teoria: três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. *Porto Arte*, v. 7, n. 13, nov. 1996, p. 81-95.

Referências consultadas

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte* - Um Paralelo Entre Arte e Ciência. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2011.